

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS IMPACTOS DA EMERGÊNCIA DE UM “NOVO NORMAL”

Lécia Nájla dos Santos Melo¹
Edmacy Quirina de Souza²

Resumo:

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) atingiu com força o território brasileiro no início de 2020. Esse acontecimento trouxe uma série de mudanças para o nosso cotidiano, todas as áreas viram-se atingidas, dentre elas a educação, que sofreu muitos impactos advindos das medidas de isolamento social, necessárias para conter a disseminação do vírus. Tais medidas reverberaram em profundas mudanças nos processos educativos, acentuando sobremaneira a desigualdade já tão latente em nosso país. O objetivo desse estudo foi, portanto, refletir criticamente acerca de algumas questões que cerceiam a educação em tempos de pandemia, diante da emergência de um “novo normal” que vem remodelando os processos educacionais. Nossa metodologia se resume num estudo bibliográfico, estabelecemos diálogo com autores que vem investigando o tema central da nossa investigação. O estudo bibliográfico realizado nos permitiu desvelar de forma crítica os impactos do modelo de educação que vem sendo implementado no Brasil. Constatamos que a educação em nosso país, vive um período de acentuada transformação imposta pela pandemia, que compromete a qualidade do acesso digno aos estudantes, outrossim, os profissionais da educação vêm enfrentando desafios consideráveis para adaptar-se a um novo contexto que exige novas habilidades não adquiridas em formação inicial ou continuada. Concluímos que as experiências até então vivenciadas precisam ser analisadas com criticidade pelos sujeitos envolvidos na construção do trabalho pedagógico a fim de promover maior inclusão dos sujeitos, valorização dos profissionais e repensar a educação no pós-pandemia.

Palavras-Chave:

Educação na Pandemia. Processos educativos. Trabalho docente.

EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: THE IMPACTS OF THE EMERGENCY OF A “NEW NORMAL”

Abstract:

The pandemic of the new coronavirus (SARS-CoV-2) hit the Brazilian territory with force in the beginning of 2020. This event brought a series of changes to our daily lives, all areas were affected, among them education, which comes suffering many impacts from the social isolation measures, necessary to contain the spread of the virus. Such measures reverberated in profound changes in the educational processes, greatly accentuating the inequality already so latent in our country. The purpose of this study was, therefore, to critically reflect on some issues that hinder education in times of pandemic, in the face of the emergence of a “new normal” that has been remodeling educational processes. Our methodology is summarized in a bibliographic study, we establish a dialogue with authors who have been investigating the central theme of our investigation. The bibliographic study carried out allowed us to critically

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Prefeitura Municipal de Ilhéus. E-mail: leciamelos31@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: esouza@uesb.edu.br

unveil the impacts of the education model that is being implemented in Brazil. We note that education in our country is going through a period of marked transformation imposed by the pandemic, which compromises the quality of decent access for students. Furthermore, education professionals are facing considerable challenges in adapting to a new context that requires new skills. not acquired in initial or continuing training. We conclude that the experiences hitherto experienced need to be critically analyzed by the subjects involved in the construction of the pedagogical work in order to promote greater inclusion of the subjects, valuing the professionals and rethinking education in the post-pandemic.

Keywords:

Education in Pandemic. Educational processes. Teaching work.

LA EDUCACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA: LOS IMPACTOS DE LA EMERGENCIA DE UNA “NUEVA NORMAL”

Resumen:

La pandemia del nuevo coronavirus (SARS-CoV-2) golpeó con fuerza el territorio brasileño a principios de 2020. Este evento trajo una serie de cambios en nuestra vida cotidiana, todos los ámbitos se vieron afectados, entre ellos la educación, que viene sufriendo muchos impactos de las medidas de aislamiento social, necesarias para contener la propagación del virus. Tales medidas repercutieron en profundos cambios en los procesos educativos, acentuando mucho la desigualdad ya tan latente en nuestro país. El objetivo de este estudio fue, por tanto, reflexionar críticamente sobre algunas cuestiones que dificultan la educación en tiempos de pandemia, ante el surgimiento de una “nueva normalidad” que viene remodelando los procesos educativos. Nuestra metodología se resume en un estudio bibliográfico, establecemos un diálogo con autores que han ido investigando el tema central de nuestra investigación. El estudio bibliográfico realizado permitió develar críticamente los impactos del modelo educativo que se ha implementado en Brasil. Observamos que la educación en nuestro país atraviesa un período de marcada transformación impuesta por la pandemia, que compromete la calidad del acceso digno de los estudiantes. Además, los profesionales de la educación enfrentan desafíos considerables para adaptarse a un nuevo contexto que requiere nuevas habilidades. adquiridos en formación inicial o continua. Concluimos que las experiencias vividas hasta ahora necesitan ser analizadas críticamente por los sujetos involucrados en la construcción del trabajo pedagógico a fin de promover una mayor inclusión de los sujetos, valorando a los profesionales y repensando la educación en la pospandémica.

Palabras clave:

Educación en pandemia. Procesos educativos. Trabajo docente.

Introdução

A pandemia da Covid-19 causou um momento atípico e medidas de distanciamento social precisaram ser adotadas em todo o mundo. Na educação, essas medidas conduziram a suspensão das aulas presenciais, com o fechamento das escolas públicas e privadas. Diante

desse cenário, fez-se necessário que as redes de educação se articulassem a fim de criar estratégias para tentar minimizar os prejuízos decorrentes desse contexto. Por outro lado, começamos a vivenciar um período de adaptação a um modelo de ensino, a saber, ensino remoto, para o qual os/as professores/as não estavam preparados/as para lidar e tampouco receberam suporte ou formação. Da mesma forma, estudantes e suas famílias precisaram criar mecanismos de adaptação diante de um novo contexto que ainda não tem data de término definida. Essa realidade trouxe consigo inúmeros desafios para todos os sujeitos envolvidos no processo educacional e desvelou uma gama de desigualdades que o Brasil enfrenta, as quais certamente tende a crescer.

A realidade de um emergente “novo normal” traz consigo uma série de questões. Como promover uma educação de qualidade em tempos de pandemia, num cenário de profundas desigualdades sociais como o que vivemos no Brasil? O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) atendem com efeito as necessidades da educação escolar pública brasileira? Quais as diversidades de funções da escola que se mostram evidentes nesta realidade? Como o trabalho docente vem sendo impactado? Como fica a educação dentro deste “novo normal”? Responder a tais indagações é o objetivo deste artigo, a fim de pensar criticamente a realidade que está posta com vistas a estabelecer reflexões tão necessárias neste momento. Com efeito, a pandemia da Covid-19 nos coloca diante de cenários outros, os quais trazem desafios à comunidade escolar como um todo e nos conduz a questionar até mesmo o papel dessa instituição.

Para compreender esse processo, nosso artigo realizou um estudo bibliográfico trazendo discussões acerca da educação em tempos de pandemia. Assim, nossa intenção foi realizar uma reflexão crítica sobre algumas questões que precisam ser consideradas a fim de pensarmos a educação no cenário pandêmico. Diante disso, nosso estudo está organizado em cinco partes: na primeira traz a abordagem da educação diante do cenário de desigualdades no Brasil, na segunda parte discutimos o uso das Tecnologias Informacionais e Comunicacionais (TIC) e sua pertinência como estratégia pedagógica, ante a realidade brasileira, na terceira parte discutimos as funções da escola e como vem sendo consideradas nesse tempo de pandemia, na quarta parte contextualizamos o trabalho docente e sua precarização diante do ensino remoto, na quinta parte refletimos sobre a educação no contexto do “novo normal”.

Por fim trazemos nossas considerações finais onde retomamos o objetivo geral da investigação e tecemos algumas reflexões construídas a partir da análise bibliográfica.

A Educação em tempos de pandemia num cenário de desigualdades

Pensar em educação pressupõe a análise e compreensão do contexto em que os sujeitos envolvidos no processo educativo estão inseridos, uma vez que não podemos considerar esses sujeitos dissociados da sua realidade, o que envolve sua condição física e material, contexto socioeconômico, acesso a bens e serviços, entre outros. No que tange a esses pontos supracitados, precisam ser considerados mediante um resgate histórico, as condições de vida ofertadas a esses sujeitos.

A história do Brasil assim como dos demais países da América Latina, é marcada pela exploração, que definiu a condição subalterna dos povos que habitam esses territórios. Para Assis (2014, p. 613)

A extinção do colonialismo histórico-político nas Américas, com a construção de nações independentes no século XIX, bem como na África e Ásia, por intermédio da descolonização em meados do século XX, não foi condição necessária e suficiente para a emancipação político-econômica e cultural dos países periféricos.

Nesse sentido, mesmo após a efetivação de sua independência política, estes países, dentre eles o Brasil, não lograram a condição necessária para romper diversos problemas de ordem política, econômica e social. Assim, não podemos pensar numa educação em tempos de pandemia, sem reconhecer as enormes desigualdades sociais que este país vivenciou ao longo de sua história, afinal o colonialismo deixou marcas latentes em nossa sociedade. Desta maneira, o cenário que temos cada vez mais corrobora para o aumento dessas desigualdades.

A compreensão dessas questões históricas nos ajudam a perceber que a pandemia não fez nascer as desigualdades no país, somente serviu para acentuá-las. Nesse contexto, está claro que “já vivenciávamos um cenário de desemprego, desmonte de direitos sociais, baixos investimentos públicos em saúde, pesquisa, educação, precarização do trabalho, sendo que, a partir da pandemia, algumas dessas questões ficaram mais evidenciadas” (PALÚ, 2020, p. 90). Nesse sentido, é importante que analisemos de forma crítica a realidade que está posta, pois somente assim poderemos compreender o momento presente e planejar os rumos futuros da docência e os enormes riscos que recaem sobre a educação nesse período.

Palú (2020) aponta que a educação mesmo antes da pandemia já vinha sofrendo com inúmeros ataques diante de uma política neoliberal que vinha promovendo retrocessos no seu desenvolvimento. Assim, aos educadores, antes de tudo é salutar que analisem a situação atual com um olhar crítico para que possamos discernir e acompanhar de maneira coerente esse

processo. Reconhecer essa dinâmica é fundamental para se pensar a construção de propostas pedagógicas que de fato contemplem as diversidades presentes nas diferentes realidades educacionais.

O uso das Tecnologias Informacionais e Comunicacionais (TIC) como estratégias pedagógicas: inclusão ou exclusão?

Para Miranda (2007, p. 43) “O termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) refere-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na *World Wide Web* (WWW) a sua mais forte expressão”. O uso das TIC’s na educação é um debate muito presente há anos, pois elas invadiram o cotidiano das pessoas e, dentro das escolas emerge a necessidade de usá-las de forma mais recorrente. Porém, alguns obstáculos se sobrepõem e tornam difícil essa implementação, em muitos casos até mesmo impossível, dada a falta de condições mínimas.

Um dos aspectos mais impactantes da educação em tempos de pandemia, diz respeito às tentativas de implementação do uso das TIC’s como estratégia pedagógica, o que foi sentido de forma diferente nas redes pública e particular. Assim, “a educação em época de COVID-19 passa a entender a tecnologia como um espaço de luta, transformação, mas também de desigualdades” (BARRETO; ROCHA, 2020, p. 2). Desse modo, o que acompanhamos foi uma verdadeira corrida realizada pelas redes educacionais para retomar as atividades educativas não sendo observados alguns contrapontos que a realidade impõe, quais sejam: a falta de acesso a internet por parte de estudantes e também dos docentes, falta de aparato tecnológico suficiente para atender às novas demandas impostas, carência de formação dos professores para adaptar-se aos meios tecnológicos, entre outros.

Vieira e Ricci (2020, p. 3) apontam que “são diferentes tempos, diferentes espaços, ambientes diferentes de aprendizagem (os quais nem sempre possuem as condições ideais) e, além disso, os estudantes possuem condições desiguais de suporte e acesso às tecnologias”. As autoras constatam ainda que:

Esta pandemia tem evidenciado a desigualdade que demarca nossa sociedade, pois, enquanto algumas crianças têm acesso à tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem em casa o apoio dos pais/responsáveis, tantas outras ficam à margem deste processo, seja pela falta de equipamento tecnológico adequado em casa, seja pelo fato de os responsáveis dedicarem-se à outras preocupações, seja por estes não terem a formação escolar adequada para orientá-los em relação à realização das

atividades ou, ainda, por situações de extrema pobreza e vulnerabilidade social (VIEIRA; RICCI, 2020, p. 3).

Destarte, compreendemos que o uso das TIC's enquanto estratégia pedagógica enfrenta uma série de barreiras à sua efetiva implantação. E, para que ocorra com efeito, é necessário que esses pontos sejam considerados, afinal não se trata apenas de ter acesso a internet, mas da qualidade ofertada, e para além disso, perpassa pela capacidade de compreensão das atividades, pelas condições de vida que esse/a aluno/a possui. Nesse sentido, mesmo tendo acesso a algum tipo de TIC, somente isto, não garante a inclusão digital.

Bonilla e Souza (2009) trazem uma importante discussão acerca da exclusão digital, relacionando-a com a própria desigualdade estabelecida na sociedade. Na perspectiva das autoras, da mesma forma que podemos observar um grupo de pessoas excluídas de acesso a muitos bens culturais/sociais/econômicos, percebemos pessoas alheias e excluídas do processo de inclusão digital. Estas, por sua vez, em alguns momentos são falsamente incluídas através de programas que prometem promover “inclusão”, mas que não cumprem com eficiência este papel.

O que se vê é o crescimento do processo de exclusão digital, que faz tornar mais grave a exclusão social a que muitos grupos já vivem, pois não conseguindo adequar-se às demandas da era digital ficam cada vez mais, à margem. A inclusão precisa contemplar a aproximação dos indivíduos aos meios tecnológicos e com acesso à internet, e ainda a garantia do uso autônomo, crítico, eficaz e cotidiano. Dessa forma o uso desses meios proporcionará acesso também à cidadania. Assim, a exclusão digital compromete também o exercício da cidadania, acentuando a exclusão social.

A exclusão digital segrega grupos sociais e compromete a qualidade educacional ofertada nesses tempos de pandemia. Faria; Guimarães e Faria (2016, p. 3) afirmam:

Outro tipo de aluno que pode sofrer a exclusão digital é aquele de classe baixa, sendo pobre, que não possui recursos para comprar qualquer tipo de aparato pertencente à classe das novas tecnologias. Ele pode ser jovem ou velho, deficiente ou não. Porém, sua condição financeira o coloca como pertencente ao grupo dos excluídos na educação ou no mundo digital. Além de não possuir esses aparelhos tecnológicos em casa, não podendo, assim, realizar tarefas de casa que, porventura, tenham sido passadas para serem realizadas mediante internet ou afins, esse indivíduo terá, também, dificuldades no manuseio dos objetos ou das ferramentas virtuais, pois não conhece esses recursos, por isso não tem o hábito de manusear os mesmos.

Essa constatação revela-nos um problema social que é estrutural e vem sendo desvelado com maior intensidade por conta das novas estratégias de ensino que estão sendo articuladas nas redes de educação. Assim, observamos que o acesso à educação nas redes particulares de educação seguiu um curso mais próximo da normalidade, enquanto as redes públicas vivenciaram e vivenciam enormes dificuldades na implementação de ações que possam atingir com qualidade os discentes.

Nesse contexto, emergiu o chamado ensino remoto, o qual privilegia o uso das TIC's para mediação do ensino. Souza *et al.* (2021) afirmam que os docentes da Educação Básica, viram-se surpreendidos e obrigados a adaptar-se a uma nova realidade desconhecida e adequar o trabalho planejado e pensado para uma realidade presencial, agora para um novo mundo, virtual. Essa adaptação surpreendeu também aos estudantes, que mudaram sua organização cotidiana para atender a demanda de realização de aula e atividades *on line*, em muitos casos, sem um estudo prévio de suas reais condições de acesso. Em sua pesquisa Insfran *et al.* (2020, p. 178) apontam que:

Dados da pesquisa TIC Domicílios 2019, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2020), mostrou que apenas 37% dos domicílios brasileiros possuíam computador e internet em 2019. Entre as famílias pertencentes às classes sociais D e E, somente 12% possuíam essas duas tecnologias e 85% acessavam a internet apenas pelo celular.

Nesse sentido, percebe-se o quanto muitos estudantes provavelmente ficaram excluídos do processo simplesmente por falta de acesso, some-se a isso a falta de direcionamento com o uso dos meios tecnológicos informacionais utilizados, e não apenas eles, mas muitos professores vivenciaram essas dificuldades. Essa conjuntura desvelou um campo de adversidades para ambos os sujeitos, e também para toda a comunidade escolar, diretores, supervisores, orientadores, funcionários não-docentes, pais, todos/as foram atingidos e impactados pela repentina adaptação a este mundo desconhecido.

A escola e sua diversidade de funções

A escola pode ser compreendida como um espaço formal onde a educação acontece. Este espaço foi duramente impactado pelas transformações que a pandemia nos impôs. De repente nos vimos impedidos de estar presencialmente nesse ambiente, como uma forma de preservar a saúde de todos os sujeitos que nele interagem cotidianamente. No sentido de

minimizar os impactos da suspensão das atividades escolares, vimos as redes de educação se articulando para desenvolver propostas pedagógicas que reunisse ainda que de forma virtual, os sujeitos da escola. Assim, percebeu-se uma enorme preocupação das redes de educação com a carga horária, conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas, a qualquer custo.

A diversidade de ações que começaram a ser articuladas pelas escolas certamente carregam uma gama de significado, e “o que temos percebido nas ações educacionais que a pandemia colocou em exposição é um processo de educação (formação humana) que foi drasticamente/radicalmente reduzido ao ensino” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 6). As plataformas digitais podem cumprir o papel de manter ocupados estudantes, professores e até mesmo passar às famílias a ideia de que a educação está acontecendo, mas de que forma vem se constituindo as aprendizagens nesse contexto é algo que somente com mais tempo e estudos se poderá mensurar, principalmente no que se refere aos impactos que esse molde de educação vem promovendo nos sujeitos.

Para Fuchs e Schütz (2020) embora as tecnologias possam em algum sentido mostrarem-se eficazes no processo educacional, não poderão, entretanto, substituir dinâmicas outras para além dos conteúdos que a escola presencial proporciona, como a socialização, interação, o desenvolvimento de valores a partir das dinâmicas cotidianas, bem como o senso de responsabilidade, e ainda outras tantas demandas. No entanto, Ferreira e Barbosa (2020, p. 7) afirmam que “em meio aos atropelos de querer manter suposta normalidade, instituições alegam ter havido ‘apenas’ a transposição do real para o virtual”. Essa constatação é preocupante, pois ignora a multiplicidade de tarefas que a escola cumpre, tanto no campo educacional, e principalmente social. Esse contexto põe em pauta uma questão muito importante, a qual não podemos desprezar: qual é de fato o papel da escola?

Pensar na escola apenas como um lugar em que se aprende conteúdos é desconsiderar a funcionalidade que cumpre esse espaço educativo nos mais variados âmbitos. Dentro desse contexto, a escola cumpre diversas funções, pois é na escola, por exemplo, que muitas crianças das classes menos favorecidas economicamente veem suas necessidades alimentares supridas, pois a merenda escolar, para muitas delas constitui sua principal refeição e tristemente em muitos casos chega a ser a única refeição do dia (FERREIRA; BARBOSA, 2020). A escola também é abrigo e lugar de segurança para muitas crianças e adolescentes que vivem sob as marcas da violência doméstica e abuso sexual. Muitas dessas situações são acolhidas pela escola, lugar de cuidado para os estudantes. Dessa forma,

Se o propósito é fazer com que os estudantes tenham acesso a conteúdos escolares fragmentados e desconexos do contexto cotidiano, de modo que se mantenham ocupados, talvez o ensino remoto atinja seu objetivo. No entanto, ao considerar que a escola cumpre funções muito mais abrangentes na vida dos estudantes, que o processo de ensino e aprendizagem envolve a convivência, o diálogo e as interações, assumindo que o aluno deve ser sujeito do processo de aprendizagem, que ensinar não é apenas fornecer acesso a conteúdos e que as escolas desempenham ainda importante papel de oferecer alimentação e acolhimento, a alternativa de transferência das atividades presenciais pelas remotas descaracteriza não só a escola como o próprio processo pedagógico (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 8).

As autoras nos conduzem a importantes reflexões acerca das funções que a escola apresenta, mostrando o quão relevante é pensar um trabalho pedagógico com vistas a atingir sentidos outros que apenas a transmissão de conteúdos não dá conta. A falta da demonstração de preocupação e esforço com a teia de papéis que a escola cumpre, torna o ensino remoto, nos moldes que vem sendo aplicado em muitas realidades, um processo que descaracteriza o sentido do trabalho pedagógico/social que a escola cumpre. Outrossim:

A escola é muito mais do que aprender por si mesmo! Transcende a posição de espaço de aprendizagem: é uma comunidade onde os professores e alunos relacionam-se, interagem e aprendem mutuamente, por meio do contato pessoal, das experiências vivenciadas no coletivo, das confidências, do relacionamento (VIEIRA; RICCI, 2020, p. 4).

Assim, não podemos ficar tranquilos enquanto a escola vem sendo reduzida a uma mera transmissora de conteúdos. Cabe às redes educacionais se debruçarem e pensar de que maneira poderá dentro do contexto atual contemplar a diversidade funcional que a escola apresenta. Organizar blocos de atividades não garante que a escola esteja cumprindo com efeito seu papel. E as demais funções, como serão articuladas? Afinal,

Essa prática educativa com foco nos conteúdos impede que professores, mais livres, capacitados e merecedores da confiança das escolas, possam problematizar esse evento da pandemia para questionar seus estudantes e a si próprio. Afinal, que educação estávamos praticando em nossos encontros presenciais e quais dos conteúdos desenvolvidos, por exemplo no ano passado, servem para orientar a leitura e compreensão desse momento histórico, pandêmico: uma crise sanitária; a ameaça biológica invisível; os desdobramentos econômicos, culturais e emocionais (SANTANA FILHO, 2020, p. 12).

Nesse sentido, aceitar que a escola seja reduzida a uma instituição que tão somente transmite aos sujeitos conteúdos prontos e acabados é retirar dela uma função muito importante, qual seja, desenvolver nos sujeitos o seu pensamento crítico e levá-lo ao

questionamento constante de sua realidade. Portanto, esse período de ensino remoto precisa ser encarado como um momento de resistência e defesa da educação pública de qualidade, precisamos trazer para discussões na sociedade a importância desse espaço educativo e não aceitar o silenciamento dessas questões ficando inertes aos ataques que mesmo em tempos de pandemia a escola pública vem sofrendo, precisamos assumir diante desse contexto um posicionamento político e crítico.

A precarização do trabalho docente

O trabalho docente no Brasil apresenta um histórico de precarização. No contexto do ensino remoto muitas outras questões vieram à tona e corroboraram para acentuar a precarização da profissão, acirrando mais ainda as dificuldades enfrentadas pelos/as docentes. Souza *et al.* (2020) constatam que os/as professores/as redimensionaram o ambiente de trabalho para o seu próprio lar, tendo a carga horária estendida, sem que tenham sido consideradas as consequências que esse processo poderá ocasionar à sua saúde. A evidente transformação das atividades pedagógicas sem um estudo das condições desses profissionais, vem ocasionando situações adversas e desconfortáveis para estes sujeitos, que sofrem uma descaracterização do trabalho docente, antes determinado no tempo e espaço escolar, posto que:

A urgência para que já nas primeiras semanas os professores, agora assumido tarefas a partir de suas casas, realizassem a transposição de seus planejamentos para plataformas virtuais e recursos pela internet conduz à reprodução pura e simples da exposição oral presencial para a repetição à distância das explicações e exercícios. É um arremedo de proposta pedagógica. Na prática, fere a docência na figura do professor e da professora que, não dominando devidamente aparatos de tecnologia, são conduzidos a trabalhar mais horas improvisando apresentações de slides para plataformas virtuais abertas; a expor sua prática e suas atividades em um ambiente totalmente novo, suas fragilidades documentadas, suas potencialidades negadas e interditas por decisões de gabinete (SANTANA FILHO, 2020, p. 6).

O autor aponta um aspecto perigoso de todo esse processo, pois ao ter suas atividades redirecionadas num curto espaço de tempo, sem ao menos serem levadas em consideração suas condições atuais, sendo atingidos diretamente por decisões das quais não ajudaram a construir, os docentes sofrem nitidamente uma violência, tendo desconsideradas sua opinião e condições de trabalho. Consideremos ainda

À vista de tudo isso, a responsabilidade pela transformação do espaço domiciliar em posto de trabalho permanente para desenvolvimento do ensino remoto coube exclusivamente aos docentes. Do mesmo modo, todos os custos relacionados às condições materiais do trabalho e infraestrutura física, como computador, câmera, microfone, impressora, internet, luz elétrica, mobiliário, entre outros, ficaram a cargo dos docentes. Além dessas despesas, houve a necessidade de manutenção desses equipamentos e do próprio manuseio de tecnologias e mídias. [...] Em termos concretos, a atividade de trabalho, o objeto e os seus meios precisaram ser redefinidos num curto espaço de tempo, sendo os próprios docentes responsáveis por esse processo (SOUZA, *et al.*, p. 5).

Nesse sentido, os/as docentes vêm sofrendo constantes ataques, precisam adaptar-se a qualquer custo às novas demandas educacionais, sem, contudo, receber o suporte necessário. Na tentativa de incluir-se no processo fizeram dívidas a fim de adquirir aparelhos e serviços que lhes proporcionasse participar das atividades agora remotas, pois surgiram necessidades que antes, presencialmente, não se mostravam latentes. O exercício da docência vive uma urgente remodelação, a qual está limitada a ação individual dos profissionais da educação. Por isso, neste momento, mais do que nunca, é urgente lembrarmos do que nos diz Freire (1996, p. 34) ao afirmar que “A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte”. Assim, o momento é extremamente propício para que os docentes possam refletir e repensar sua participação ética e política frente aos ataques que vem sofrendo no exercício da profissão.

A questão da mulher – “*Woman*” office

Nesse contexto de precarização do trabalho docente, uma análise imprescindível diz respeito a situação das docentes, mulheres, mães, que estão na linha de frente enquanto profissionais e cuidadoras. Nesse sentido, muitas docentes tiveram que enfrentar uma sobrecarga de trabalho, de um lado procurando adaptar-se para uma nova proposta de educação de maneira urgente e ao mesmo tempo tendo que adaptar-se enquanto mãe para dar assistência a seus filhos dentro de um mesmo espaço. Some-se a isso ainda, o fato de carregar as atividades diárias do lar, posto que na sociedade brasileira ainda convivemos de forma muito explícita com um machismo que impõe a mulher a exclusividade do cuidado com a administração da casa com todas as atividades a ela relacionadas.

Nesta realidade ora apresentada, “encontram-se professoras que diariamente assumem a tarefa de escolarizar à mesa do almoço, letrar crianças junto às bonecas, realizar experimentos científicos à pia cheia de louças, ler histórias à meia luz amarela do quarto de dormir” (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 3). Nesse contexto, não podemos negar que são elas, as docentes que vem sofrendo de forma redobrada com os impactos desse novo contexto educacional com a adoção do ensino remoto, principalmente se é esta mulher, mãe. Corroboram Jaskiw e Lopes (2020, p. 42):

A vida de professora e mãe durante a pandemia, tem se resumido a cozinhar, deixar a roupa batendo na máquina de lavar, enquanto orienta seus filhos nas tarefas e aulas, ao mesmo tempo que orienta seus alunos via plataformas digitais. Tal modelo não tem se apresentado saudável emocionalmente e fisicamente. A quebra de rotina fez inclusive mudar o horário de refeições da família. A adaptação da casa para o espaço virtual de ensino demandou tempo e recursos. O ensino remoto sem as condições adequadas tem causado um sentimento de desânimo e apatia nas mulheres que são professoras e mães, sentimentos esses parecidos com a síndrome de Burnout.

Assim, fica evidente o quanto o contexto educacional que ora emerge vem causando danos nos aspectos físico e emocional das mulheres que se veem acumuladas de funções. Essa é mais uma realidade que poderá agravar o já existente quadro de adoecimento de professoras, em grande maioria também, chefes do lar. A análise desse contexto revela que as mudanças impostas pela pandemia vêm ocasionando consequências que certamente acompanharão as docentes por muito tempo, o que não pode ser dimensionado. Desvela também a necessidade do cuidado ofertado a esse público para atendimento a necessidades que ora surgem.

A educação e o “novo normal”

Desde que a pandemia se agravou no Brasil e surgiu a necessidade de medidas de isolamento social, passamos a conviver com um novo modo de vida, o qual vem sendo denominado “novo normal”. Essa mudança representa novas formas de ser e estar nos diversos espaços de convivência social. Em relação a escola, ficam muitas angústias que somente o tempo poderá sanar. No entanto, o modo de pensar e executar as propostas pedagógicas precisam considerar o caminho já realizado até aqui e então projetar ações que possam minimizar os impactos que esse “novo normal” impõe. Consideremos que

A docência e a educação escolar estão abaladas. A pandemia, ao nos isolar uns dos outros, estudantes, professores, pedagogos, gestores públicos e privados, abala a dinâmica da escola: seu sentido baseado na convivência e compartilhamento de ideias e saberes, na transmissão de conteúdos consolidados e conduzida por práticas seculares encontra-se revirado (SANTANA FILHO, 2020, p. 5).

Dessa maneira, não podemos negar que a educação já fora afetada de diversas formas, muitas são as perdas que vem ocorrendo, o isolamento compromete a convivência, base do cotidiano escolar, assim, não podemos mensurar os impactos dessa realidade, embora seja certo que essa falta de alguma forma terá reflexos futuros na forma como o trabalho pedagógico será conduzido a partir de agora. Para Kirchner (2020) esse lugar de estabelecimentos de vínculos que a escola ocupa, tende a ser transferido para os espaços virtuais, uma vez que nestes ambientes alunos/as e professores/as estarão muito tempo reunidos. No entanto, fica o questionamento: Como os excluídos do mundo digital serão contemplados? Por não possuírem as condições necessárias de acesso, continuarão afastados de todo o processo. Assim sendo

É necessário que o caminho percorrido e as aprendizagens desenvolvidas pelas redes e profissionais da educação para enfrentamento deste período de pandemia sejam mantidos como heranças vivas, permitindo-nos melhor configurar a escola pós-pandemia (VIEIRA; RICCI, 2020, p. 5).

Deste modo, este “novo normal” precisa ser analisado com o devido cuidado, considerando as desigualdades que ele pressupõe e também as limitações que estabelece aos sujeitos. Portanto que as experiências construídas possam ser base do pensamento para a construção de uma educação que reconheça suas fragilidades e caminhe para sua superação.

Considerações finais

Neste artigo procuramos realizar uma reflexão crítica sobre algumas questões que precisam ser consideradas a fim de pensarmos a educação em tempos de pandemia. As reflexões realizadas até aqui demonstram o quanto a educação em tempos de pandemia se mostrou desafiadora para os diversos sujeitos que são permeados pela escola, em especial estudantes e professores/as. As discussões apresentadas, revelam que o cenário da educação em tempos pandemia constitui um enorme risco aos rumos da qualidade da educação pública em nosso país.

A iminência do uso das TIC's na educação, que fora realizada de maneira urgente e sem garantias de acesso e formação aos profissionais da educação e também aos estudantes desvelam a enorme desigualdade socioeconômica historicamente perpetuada no país. Dessa forma, nossas reflexões apontam para a urgente necessidade da valorização das condições do trabalho docente, observando de maneira mais específica a condição a que estão submetidas as mulheres.

Esperamos que esse estudo possa subsidiar pesquisadores que se interessem em analisar de forma crítica o tema analisado, o qual é tão necessário e assim o será por um bom tempo.

O momento é de incertezas, tensões e dificuldades, mas também é de enorme superação para os sujeitos que vem se reinventando diante de uma conjuntura marcada por uma gama de impossibilidades ante a tempos sombrios como os que estamos enfrentando. Assim, estejamos atentos às questões que essas realidades do “novo normal” revelaram, que serviram para demonstrar o enorme valor da educação, e as mazelas produzidas pela cruel desigualdade social a que está sujeitada a população brasileira.

Referências

ASSIS, W. F. T. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Caderno CRH**, v. 27, n. 72, p. 613-627, 2014.

BONILLA, M. H. S.; SOUZA, J. S. Exclusão / inclusão: elementos para uma discussão. **Liinc em Revista**, v. 5, n. 1, p. 133-146, 2009.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. Covid-19 e educação: resistências, desafios e (im) possibilidades. **Revistas Encanta - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-11, 2020.

FARIA, G. S. A., GUIMARÃES, T. M. S., FARIA, F. G. V. As novas tecnologias na educação são para todos? A exclusão digital como um novo tipo de exclusão social. *In*: Congresso Internanional de Tecnologia na Educação. 14. 2016. Recife. **Anais**. [...] Recife: Congresso Internanional de Tecnologia na Educação, 2016. Disponível em: <http://www.pe.senac.br/congresso/wp-content/anais/2016/pdf/comunicacao-oral/017.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

FUCHS, C.; SCHÜTZ, J. A pensar a (im)possibilidade da escola em tempos de pandemia: reflexões à luz de Masschelein e Simons. *In*: PALÚ, J.; SCHUTZ, A.; MAYER, L. (Org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. Cap. 5, p. 69-85.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. B. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, v. 15, e2015483, p. 1-24, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSFRAN, F. F. N. *et al.* A pandemia da covid-19 como vitrine da precarização do trabalho docente e da educação: desafios para o ensino em uma democracia fragilizada. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, n. 4, p. 163-184, 2020.

JASKIW, E. F. B.; LOPES, C. V. G. A pandemia, as TDIC e ensino remoto na educação básica: desafios para as mulheres que são mães e professoras. **SCIAS-Educação, Comunicação e Tecnologia**, v. 2, n. 2, p. 231-250, 2020.

KIRCHNER, E. A. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In: PALÚ, J.; SCHUTZ, A.; MAYER, L. (Org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. Cap. 3, p. 45-53.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazer escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

MIRANDA, G. L. Limites e possibilidades das TIC na educação. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**. n. 3, p. 41-50, 2007.

PALU, J. A crise do capitalismo, a pandemia e a educação pública brasileira: reflexões e percepções. In: PALÚ, J.; SCHUTZ, A.; MAYER, L. (Org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. Cap. 6, p. 87-96.

SANTANA FILHO, M. M. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia Covid-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, p. 3-15, 2020.

SOUZA, K. R. *et al.* **Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 19, 2021.

VIEIRA, L.; RICCI, M.C.C. A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. **Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina**, 2020.